

TEATRO POPULAR MIRANDÊS

Edição dos textos recolhidos por António Maria

Mourinho



A figura do *Tonto* ou *Gracioso* representado pelo Sr. Domingos Fernandes (Tiu Domingões)

Foto do Arquivo António Maria Mourinho

TEATRO POPULAR MIRANDÊS

Edição dos textos recolhidos por António Maria Mourinho

Organização, introdução e notas de

António Bárbolo Alves
(Bolseiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia
e do Ministério da Educação)

FICHA TÉCNICA

Título: *Teatro Popular Mirandês – Edição dos textos recolhidos por António Maria Mourinho*
© Centro de Estudos António Maria Mourinho e António Bárbolo Alves

ISBN: : 978-972-9249-14-3

Edições do Centro de Estudos António Maria Mourinho
Biblioteca Municipal
Rue de l Cumbento, s/n
5210-021 MIRANDA DE L DOURO

<http://ceamm.no.sapo.pt>
centro.amm@gmail.com

1. Apresentação

São cerca de três dezenas os “colóquios” do Teatro Popular Mirandês (TPM) recolhidos por António Maria Mourinho, que se encontram no seu Arquivo. Estes textos encontram-se em diferentes estados de conservação e também em fases distintas de edição. Com efeito, António Mourinho não só recolheu os textos, preparou e organizou representações, como sonhou também com a sua publicação. Desconhecemos qual o tipo de edição que pensara fazer. Porém, em face de diversas notas que encontramos junto de alguns textos, estamos convencidos de que pensara fazer uma edição conjunta, profusamente documentada e enriquecida pelo seu conhecimento profundo dos textos e da região¹. Mas por falta de apoios materiais – e dessa mágoa nos dá conta em algumas passagens – jamais logrou a concretização desse projecto. Ficaram “apenas” os textos, alguns manuscritos, outros já dactilografados e outros ainda já impressos a partir do computador. Todos eles foram já por nós publicados em edições digitalizadas (fac-similadas) e interpretativas, estando disponíveis no sítio web do Centro de Estudos António Maria Mourinho (CEAMM)². Sabemos, contudo, que nem sempre a Internet está acessível, com a mesma facilidade, para toda a gente. Por isso, com o objectivo de divulgar, por outro meio, o TPM, reunimos neste CD esses mesmos textos e edições, aos quais acrescentámos esta apresentação, assim como o vocabulário de todos os textos ordenado alfabeticamente. Desejamos assim, para além da divulgação, deixar ao leitor outros meios que permitam compreender e enriquecer o seu conhecimento sobre esta particular forma de expressão da Terra de Miranda que, como veremos, tem raízes muito profundas e ligações extensas.

Segundo se pode ler numa nota manuscrita, que também se encontra no seu Arquivo, sabemos que era desejo de António Maria Mourinho que estes “colóquios” pudessem de novo circular entre o povo para que viessem a ser representados. Foi neste sentido que o CEAMM iniciou igualmente a publicação individual, em papel, de alguns desses textos, para que eles possam ser distribuídos pelas Associações Culturais, pelos

¹ Outro testemunho desta vontade de António Maria Mourinho em publicar um volume dedicado ao TPM é-nos dado por Valdemar Gonçalves quando nos diz que aquele investigador estava “a pensar publicar um novo volume do seu cancioneiro Tradicional exclusivamente dedicado a este tema [TPM], o que infelizmente não chegou a concretizar porque o tempo não lhe chegou”. Ver Valdemar da Assunção Gonçalves “Teatro popular mirandês. Seguindo de um inventário dos cascos representados nas Terras de Miranda”, em José Francisco Meirinhos (coord.). *Estudos mirandeses. Balanço e orientações*, Porto, Granito Editores e Livreiros, 2000, p. 162.

² <http://ceamm.no.sapo.pt>

grupos de teatro, nas localidades com ou sem tradição teatral, para que, de novo, se lhes possa dar vida nos “trabados” mirandeses³.

Mas o TPM não interessa apenas aos mirandeses. Embora a sua designação seja legítima e se fundamente nas particularidades que estas manifestações ganharam na Terra de Miranda, as suas raízes são múltiplas e as suas representações não são, de modo algum, exclusivas da região mirandesa. Desde Trás-os-Montes, onde o *Auto da Paixão*, por exemplo, se continua a representar⁴, até ao Minho onde, na aldeia das Neves tem lugar o *Auto de Floripes*, o mesmo que foi levado para África, nomeadamente para São Tomé, onde *O Tchiloli* ou *Tragédia do Marquês de Mântua e do Imperador Carloto Magno* e aquele Auto (também chamado de *S. Lourenço*), actualizam os velhos romances dramatizados pela pena de Baltazar Dias. Mas é talvez no nordeste do Brasil que o chamado Teatro de Cordel mantém maior vitalidade. Por lá se conservam ainda, para além das histórias ligadas ao ciclo carolíngio, a *Vida de Roberto do Diabo*, a *Imperatriz Porcina*, o *João de Calais*, ou seja, os mesmos textos (ou, pelo menos, os mesmos títulos) que podemos encontrar no TPM⁵.

Em relação aos textos recolhidos por António Maria Mourinho, desconhecemos a proveniência de muitos deles, pois poucos são os manuscritos recolhidos directamente das mãos dos “regradores” (forma como são chamados, em mirandês, os “ensaiadores”⁶ de teatro). Admitimos, contudo, que Mourinho os tenha copiado, devolvendo os cascos aos seus legítimos proprietários.

A verdade é que estes textos constituem uma das expressões mais valiosas e profundas da identidade mirandesa, ainda que continuemos sem resposta para as muitas questões que eles nos colocam. Quais as razões pelas quais eles se conservaram e foram representados, ao longo de vários séculos, até aos nossos dias, pelo povo mirandês? Razões de predisposição psicológica ou mesológica das multidões? Raízes multisseculares persistentes e renitentes ao abafos dos séculos e das correntes

³ Foram publicados os seguintes textos: *Resumo da Sagrada Ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo* (publicado em 2005); *A vida de Roberto do Diabo*; *Auto de José do Egípto*; *A vida de Santa Imperatriz Porcina*; *Famosa comédia dos sete Infantes de Lara*; *A pintura de S. Brás* e *A criação do mundo*.

⁴ Sobre este assunto veja-se o excelente trabalho de Felisbela dos Santos Pinto, *O Auto da muito dolorosa paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo de Francisco Vaz no universo do teatro religioso transmontano*, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Dissertação de Mestrado, 2007 [iné dita].

⁵ Ver Luís da Câmara Cascudo, *Cinco livros do povo*, João Pessoa, Universidade Federal da Paraíba, 1994.

⁶ Em rigor o “regrador” não é apenas ensaiador mas, em muitos casos, ele é também o “dono” do texto, seja porque o conhece de memória, seja porque detém a única versão escrita, que pode ou não ser da sua autoria, mas que pode alterar e modificar mais ou menos segundo a sua vontade. Recorremos, uma vez mais, às informações de Valdemar Gonçalves que nos diz: “O *Regrador*, ou ponto, é quem orienta as representações, distribuindo os papéis, é o ensaiador, ensina as figuras e dirige o espectáculo possuindo sempre uma grande intuição, gosto popular, iniciativa e invenção. Como ponto fica por detrás das colchas e vai dizendo baixo o papel de cada um e apita para fazer os intervalos.” *Op. cit.*, pp. 158-159.

ameaçadoras que sobrevivem com as épocas? Condições naturais de adaptabilidade dessas instituições para o povo as receber, abraçar e aplaudir? Perguntava António Maria Mourinho⁷.

Ora, sabemos que nem as ideias nem as representações poderiam sobreviver de forma desligada das sociedades. Elas apenas têm verdadeira importância se se adaptarem às necessidades destas últimas e às mutações que elas sofrem. Por isso, nada mais falso do que considerar que estes “colóquios” se mantiveram desgarrados do ambiente sociocultural em que foram transmitidos. Isso não significa que eles possam ter uma interpretação imediata, ou que sejam reveladores de segredos cabalísticos só acessíveis aos iniciados. Mais do que falar de sobrevivência, os textos do Teatro Popular Mirandês são um produto complexo e sincrético onde se amalgamam as diferentes fontes que estão na origem dos textos, junto com os acrescentos, supressões, emendas e adaptações que os “regradores” e o povo, entenderam fazer-lhes. Neste sentido, eles merecem ser olhados com o apreço devido a outros monumentos e documentos constitutivos da identidade mirandesa. E, porque passaram de mão em mão, de geração em geração, de aldeia em aldeia, de tablado em tablado, devem igualmente ser considerados como legitimamente mirandeses.

No TPM encontramos textos de várias origens. Nele convergem as dramaturgias da chamada escola vicentina (Baltazar Dias, António Cândido de Vasconcelos, António Pires Gonge, Afonso Álvares, entre outros); os romances e tradições peninsulares e europeias, cristalizados em dramaturgias onde subsistem, de forma palimpéstica, alguns dos tópicos e mitos da nossa cultura (*A vida de Roberto do Diabo*, *a Imperatriz Porcina*, *A tragédia do Marquez de Mântua*, *Os sete Infantes de Lara*, são alguns exemplos); mas também os textos de autores locais (*A pintura de S. Brás*, *Um dia de Inverno*, *Trovas de Carnaval*), nos quais sobressaem o colorido da linguagem, os costumes, o castiço mais genuíno e ingénuo do génio popular mirandês.

O TPM responde assim a uma espécie de mundialização da arte popular e dramática que se tem afirmado como alternativa à cultura dominante, num espaço onde o abandono secular ajudou a criar formas de subsistência e de resistência impregnadas por valores universais mas coloridas pela tipicidade local e regional. O TPM desenvolveu-se e criou as suas raízes dentro desse microcosmos onde a língua, o comunitarismo, o orgulho telúrico associado ao isolamento e escudado numa consciência identitária e sócio-cultural, ajudou a alimentar uma rede de valores, baseado no verdadeiro comunitarismo e na solidariedade

⁷ *Terra de Miranda – Coisas e factos da nossa vida e da nossa alma popular*, Miranda do Douro, Edição da Câmara Municipal, 1991, p. 389.

social. Se estas manifestações respondem, por um lado, à solidão mais profunda, são igualmente um poderoso grito contra o desespero, a frágil euforia de momentos grandiosos em que a insubmissão é escatologicamente orientada contra a injustiça, a imoralidade, a violência, mas também contra todas as formas de apropriação e mercantilismo cultural que, para além dos argumentos estéticos e morais, pretenderam padronizar aquilo que é, por essência, vivo, e, por isso, em perene mutação.

2. Línguas e linguagem

As línguas do Teatro Popular Mirandês (referimo-nos exclusivamente aos textos recolhidos por António Maria Mourinho, aqui editados) são o português, o castelhano e o mirandês. A língua predominante é o português. O castelhano aparece-nos, na boca de pastores, quer em textos oriundos de autores da chamada escola de Gil Vicente, como Afonso Álvares, lembrando as églogas salmantinas, quer em textos de autores locais, como Basílio Rodrigues, memória eventual dos castelhanos e galegos que rumaram à Terra de Miranda. O mirandês está reservado quase exclusivamente para o Tonto ou Gracioso, cumprindo assim, quase unicamente também, um objectivo cómico⁸. Atente-se nestas palavras da *Imperatriz Porcina*, nas quais ressaltam algumas palavras ou expressões – *pilha gatos, cocharão, perro fedorento, carranchim, boubelo, ...* – típicas e castiças que perseguem justamente o objectivo da comicidade. Mas o Tonto acaba também por encarnar uma espécie de alter-ego colectivo, criticado, ajuizando, fazendo justiça, dando voz ao povo anónimo que assim se pode vingar, ainda que simbolicamente, mas de forma recompensadora, de quem o oprime, o avilta e o injustiça.

GRACIOSO
Que dizes meu pilha gatos
Refalsíssimo intrujão
Não foste tu que as comeste
Com esse grande cocharão.
[...]
Seu perro fedorento
Ainda fedia mais que um boubelo
Inchava a todos
Quantos iam a vê-lo.
(*Imperatriz Porcina*)

⁸ Refira-se que o texto do Gracioso nem sempre aparece escrito. A sua liberdade é tanta que se lhe deixa a possibilidade de criar o seu próprio texto. Como escreve Valdemar Gonçalves “ele tem plena liberdade de movimentos, entra e sai quando quer, diz a suas piadas ou *boubadas*, faz as sua caretas e dança nos intervalos ao som da música. (...) Normalmente fala de improviso e geralmente em mirandês.” *Op. cit.*, pp. 155-156.

A questão das línguas está também intimamente ligada com o grau da instrução dos “regradores” que, para além de dirigirem as representações, eram, em muitos casos, os “autores” ou, pelo menos, os detentores dos textos que eles próprios copiavam, acrescentando ou suprimindo palavras, versos ou personagens. Ora os “regradores”, possuindo, quase sempre, um grau de instrução bastante rudimentar, esforçavam-se por falar e escrever “bem” em português, relegando a língua mirandesa para o domínio humorístico que é conseguido, como vimos, pela utilização de palavras ou expressões julgadas diferentes ou mais “afastadas” do português.

Na *Pintura de S. Brás*, Fala Só, o Tonto, usa também os topónimos como marcas de uma linguagem quase esotérica uma vez que só é totalmente compreensível pelo público local:

São Brás e mais o pintor	Isto é que é uma cantiga
São amantes da maroteira	São Brás como um anjo do céu
Lá foram dar um passeio	Lida-se bem com o pintor
À volta da Peinha Mingueira	Também assim faria eu
Passaram pela Formiga	Tirou-lhe de madeira quatro arrobas
Pela Quinta de Cordeiro	Da cara, da mitra e da testa
E pelo caminho inteiro	E vestiu-lhe roupa nova
Nunca lhe doeu a barriga.	Que pimpão para o dia de festa.

Naturalmente que este uso diferenciado das línguas, caracterizado por uma hierarquia muito clara entre o português (língua de prestígio), o mirandês e castelhano (línguas desprestigiadas, sobretudo o mirandês), está igualmente ligado com a situação sociolinguística do mirandês e toda a história de abandono do mundo rural que acompanhou esta língua durante muitos séculos. Vejamos agora, de uma forma genérica, as características respeitantes à linguagem, à ortografia e aos fenómenos fonéticos que se podem identificar nestes textos:

- a) Formas incorrectamente grafadas mas com uma ortografia espectável em textos de carácter popular: *iternamente, abunadas, aculhimento, idulatrada, averá, orrenda, orrendo, orror, xama-lhe, peçobos, ade-o, homicideas ...*
- b) Variação gráfica espelhando mudanças fonéticas/fonológicas antigas: *gerarquia, assenar, prossições, ...*
- c) Pronúncia nortenha (e também mirandesa) com troca de [β] por [v]: *beludo, tibera, benera, ataba, beio, ...*mas também *acavemos, acavando, ...*
- d) Alternância im/em: *emperador; empostor, infermos; inssopada, ...*
- e) Dissimilação: *hipocresia; ...*
- f) Assimilação ou alternância a/e: *lember* (cf. com [e] por [a] latino, mir. *beilar, beiladeira*)

g) Formas populares resultantes de mudanças fonéticas e analógicas que acabaram por não ter fortuna na língua: *oscular* (auscultar); *anestias* (amnístias); *desvirar-lhe* (virar-lhe).

h) Flexões verbais da oralidade popular : *acabasteis, deixasteis, despejasteis, deiam, ...*

i) Troca de prefixo *ob* por *ab*: *abserva, ...*

j) Mirandesismos (sobretudo, como já foi referido, nas intervenções do Tonto ou Gracioso): *boubeo* ('poupa'; mir. *boubielha* — cf. castelhano *abubilla*); *entolbar* (< ANTE OCULUM), que alternava com *antolbar*; *manada* (mir. 'porção de coisas que se pode levar numa mão'); *strefugueiro* (mir. e port. 'pedra a que se encosta a lenha que arde na lareira'); *cocharão* (vd. cast., e mir., *cuchara*); *demudado* (mir., e port. ant., *demudar*; cf. port. *mudar* e *mudado*); *perros* (mir.; vd. cast. *perros*); *fertia* imperf. do v. mir. *fertir*, 'fritar, frigir': do part. *frito*, mir. *fertir*; cast. *fritir*/ *fretir*, cf. lat. *frigere* > port. *frigir*; cf. port. *fritar*, do particípio frictu- (*fritar* também na Colômbia e em Salamanca) ...

Estas e outras particularidades linguísticas conferem ao TPM uma tonalidade muito própria que os individualiza em relação a outras versões dos mesmos textos. E é também no sentido de facilitar a descoberta destas características que apresentamos aqui todo o vocabulário destes textos, ordenado alfabeticamente, assim como uma abordagem estatística preliminar sobre estes mesmos textos.

3. Organização dos textos

A organização dos textos segue a divisão clássica do Teatro Popular Mirandês⁹, dividindo os textos em duas categorias, “teatro religioso” e “teatro profano” às quais acrescentámos, nesta edição, “outros textos” incompletos ou de cariz para-teatral. Dentro destas categorias cada “pasta” com o nome dos diferentes textos contém um ficheiro com a edição digitalizada e outro com a edição interpretativa. Em relação às edições disponibilizadas on-line, onde estas informações são colocadas num ficheiro diferente, as edições interpretativas terão, no início, a informação sobre as versões existentes no CEAMM, assim como uma notícia sobre as origens do texto e sobre as representações que tiveram lugar na Terra de Miranda.

4. Dados gerais e estatísticos

Os dados considerados para estes resultados referem-se apenas ao vinte e cinco textos. Por questões técnicas, uma vez que não há uma edição em texto mas apenas

⁹ Veja-se, por exemplo, o trabalho já referido de Valdemar da Assunção Gonçalves “Teatro popular mirandês. Seguido de um inventário dos cascos representados nas Terras de Miranda”, em José Francisco Meirinhos (coord.). *Estudos mirandeses. Balanço e orientações*, Porto, Granito Editores e Livradores, 2000, pp. 151-178, assim como a edição orientada pelo GEFAC, *Teatro Popular Mirandês*, Coimbra, Almedina, 2003.

imagens, o *Auto da Paixão*, o *Auto de Rodrigo e Mendo* e a *Cena policiana*, foram apenas editados em versões digitalizadas e não puderam ser tidos em conta para este tratamento estatístico. São dois os motivos principais que nos conduziram a não fazer edições interpretativas destes três textos. Do primeiro, cuja representação, dirigida por António Maria, teve lugar em Duas Igrejas, em 1948, existe no CEAMM uma vasta documentação, composta por diversas anotações, fotografias, informações sobre a representação, correspondência, etc. Porém, o texto dactilografado, reconstituído pelo mesmo Mourinho a partir da edição de 1893, não está completo. Por isso, optámos por apresentar apenas uma versão digitalizada segundo a edição de 1820 que é a cópia completa que se encontra no CEAMM. Os textos de Jorge Pinto, *Auto de Rodrigo e Mendo* e de Anrique Lopes, *Cena policiana*, existem apenas em fotocópia. Mas estes textos não podem, em rigor, ser considerados como pertencentes ao TPM uma vez que nunca foram representados na Terra de Miranda, não sofrendo, por isso, o processo de transformação que lhe é próprio. Os três serão apresentados, no final, em versões digitalizadas.

Também o *Colóquio de Adão e Eva* não foi considerado para este estudo preliminar pelo facto de ter sido “descoberto” posteriormente. Contudo, foi feita igualmente uma edição interpretativa que será colocada juntamente com os “outros textos”.

Apresentamos agora os dados estatísticos globais referentes a estes textos. Apesar de se tratar de dados puramente numéricos, quantitativos, eles fornecem-nos algumas informações que julgamos importantes. Em primeiro lugar podemos aferir, com outra medida que não apenas o número de páginas, a extensão dos textos recolhidos por António Maria Mourinho. Em seguida, olhando para a massa lexical de cada texto, podemos igualmente ter uma ideia mais precisa sobre a sua extensão¹⁰. Por outro lado, tendo em consideração o número de palavras diferentes, podemos também fazer uma primeira avaliação da diversidade lexical dos textos. Vejamos então o 1º quadro com estes dados globais.

Textos	Ocorrências (vocabulário total)	Formas diferentes
25	191.307	17.259

¹⁰ Refira-se que, tratando-se de textos teatrais, concebidos para serem representados, a sua verdadeira medida seria o tempo destas representações. E, a este propósito, recorde-se que algumas, como *A criação do mundo*, eram verdadeiras “epopeias” temporais pois que a representações se prolongavam por várias horas.

Como se pode constatar, o vocabulário total totaliza 191.307 vocábulos, dos quais 17.259 são diferentes. Trata-se, sem dúvida de um acervo considerável, revelador da riqueza que o TPM representa para a(s) língua(s) e para a cultura da Terra de Miranda, como também do labor de António Maria Mourinho em prol dessa(s) língua(s) e dessa cultura¹¹.

4.1 Textos de cariz profano

São sete os “textos de cariz profano” recolhidos pelo Dr. António Maria Mourinho, mas apenas cinco são considerados para estes dados¹². Apresentamos de seguida os respectivos títulos:

T1. *A pintura de S. Brás*

T2. *Verdadeira tragédia do Marquez de Mântua e do Imperador Carloto Magno*

T3. *Famosa comédia dos sete Infantes de Lara*

T4. *Vida de Roberto do Diabo*

T5. *Um dia de Inverno*

É de referir que dois destes textos, *A pintura de S. Brás* e *Um dia de Inverno*, são da autoria de um mirandês, Basílio Rodrigues. Um deles, a *Verdadeira tragédia do Marquez de Mântua*, é de Baltazar Dias. Tem, por isso, origem nacional, em um dos autores da chamada escola vicentina. Os restantes dois, embora sem autor, descendem da tradição ibérica e europeia, enraizando-se nas lendas, nas histórias, nos romances e nos mitos de cariz cavaleiresco, heróico ou simplesmente fantástico.

Relativamente às ocorrências lexicais, que se podem conferir no quadro seguinte, podemos constatar que a “massa lexical” é relativamente similar em T1, T3 e T4, sendo significativamente menor em T2 e T5.

	Total	T1	T2	T3	T4	T5
Ocorrências	41613	16296	6099	12090	18045	5379
Formas diferentes	11225	2979	1470	2284	3046	1446

¹¹ Com efeito, embora a Língua Mirandesa seja o elemento ou marcador mais distintivo e identificativo dos mirandeses, o Português e o Castelhana foram, e são, igualmente, as línguas da Terra de Miranda. Este plurilinguismo é, aliás, outra particularidade que importa reconhecer, preservar e estimular.

¹² Como já tivemos ocasião de referir a *Cena policiana* e o *Auto de Rodrigo e Mendo* serão apenas objecto de edições digitalizadas.

Contudo estas informações sobre a quantidade pouco ou nada nos dizem sobre a qualidade do léxico. Por isso, mesmo sem entrarmos numa análise muito aprofundada, gostaríamos de deixar mais algumas observações, qualitativas, sobre estes textos, reveladas pela análise estatística do vocabulário.

Estas anotações são as que podemos retirar da leitura do “vocabulário preferencial”¹³, no qual podemos agora descobrir a temática dos textos, identificando as linhas condutoras que se destacam em cada um. Neste conjunto de textos o vocabulário foi compactado, pelo que a análise textual e discursiva de cada um exigiria um estudo discriminado de cada variável (texto). Ficamos, por isso, com esta abordagem genérica, preliminar, que mais não pretende do que abrir perspectivas para investigações futuras. Vejamos o início desse vocabulário, limitando-o a cerca de cem ocorrências¹⁴:

Pintor (25,410); Roberto (19,905); Gonçalves (16,216); S. Brás (13,660); dinheiro (13,509); nota (13,252); capote (13,158); Mateus dos Anjos (13,144); Crespim (11,756); Manuel Calejo (11,658); Maria dos Reis (11,559); Pitágoras (11,358); Rogério (11,358); duque (11,091); Lucrécia (10,945); Mateus Gonçalo (10,732); Barnabé (10,624); Fala Só (10,405); Cércio (10,068); ermitão (9,953); pelejar (9,740); agora (9,622); ho (9,599); lá (9,553); almirante (9,289); infantes (9,232); Mudarra (9,232); Rei Velasques (9,232); o (9,109); administrador (9,039); cá (8,729); ministro (8,530); Dona Sancha (8,451); duquesa (8,451); Gonçalo (8,313); professor (8,173); Rei Almançor (8,173); embora (8,169); cavalo (8,157); santo (7,977); Mateus (7,961); ducado (7,739); falar (7,560); muito (7,546); mulher (7,494); Miranda (7,312); Leopoldo (7,279); Normandia (7,279); Valdevinos (7,279); eu (7,218); mouros (7,153); Calejo (7,119); Rei Velasco (7,119); pagar (6,997); cão (6,955); cinquenta (6,955); João de Alfredo (6,955); ninguém (6,733); caloteiro (6,616); sargento (6,616); mãe (6,570); sai (6,570); olha (6,468); tablado (6,458); afogar (6,439); grão (6,439); mouro (6,439); igreja (6,417); criada (6,413); diabo (6,344); traição (6,331); pimpão (6,301); António Branco (6,258); cavaleiro (6,258); Lázaro Freixo (6,258); taberneira (6,258); tasco (6,258); quero (6,191); nem (6,172); Dona Alambra (6,071); pai (6,061); filho (5,978); recolhem-se (5,974); tem (5,930); penitência (5,929); imperador (5,903); Capitão mouro (5,878); Cucharum (5,878); Fernão (5,878); vou (5,877); embaixador (5,843); rapaz (5,825); capela (5,730); pontífice (5,730); vai (5,706); Maria Valentina (5,679); Vilar Seco (5,679); dama (5,531); vergonha (5,530); são (5,487); Castela (5,472); Dom Carloto (5,472); taberneiro (5,472); Velasques (5,472); vidraça (5,472); toca (5,412); cara (5,309); recolhe-se (5,263); Alamar (5,258); Alfredo (5,258); Marto (5,258); Princesa moura (5,258); você (5,258); bem (5,228); olhai (5,070); confissão (5,055); não (5,053); mandou (5,040); Almançor (5,034); António freixo (5,034); Borgonha (5,034); cabra (5,034); Carlota (5,034); fulminante (5,034); vale (5,010); fazendo (4,990); nosso (4,986); pinga (4,983); criança (4,977); todos (4,879); fazer (4,846); Alípio (4,800); Basílio (4,800); detenção (4,800); duquesa (4,800); Elvira (4,800); Firmino Lobo (4,800); mordomos (4,800); pagão (4,800); amanhã (4,799); arranjar (4,754); cadeia (4,743); valor (4,731); isso (4,715); então (4,657); fiquemos (4,629); cabeças (4,618); Alberto (4,599); Conde Aro (4,553); Januário (4,553); Reinaldo (4,553); separam-se (4,553) ...

¹³ É um “vocabulário de predilecção”, que reflecte a temática do texto no sentido e tem uma forte densidade e uma intensidade calculadas. Ver André Camlong; *Méthode d'analyse lexicale, textuelle et discursive*, Paris, Ophrys, 1996, p. 128.

¹⁴ Em rigor, o vocabulário preferencial corresponde às formas cujo peso lexical é $\geq 1,96$. Contudo, não sendo nosso objectivo fazer aqui uma análise textual e discursiva dos textos quisemos apenas deixar uma pequena amostra introdutória do trabalho que se pode vir a realizar.

O que podemos observar? Consta-se, em primeiro lugar, que a maioria do vocabulário presente nesta lista é constituído pelas designações das personagens e protagonistas dos diferentes textos: o Pintor, Roberto, Gonçalves, S. Brás, Mateus dos Anjos, Crespim, Manuel Calejo, Maria dos Reis, Pitágoras, Rogério, Lucrecia, Mateus Gonçalo, Barnabé, Fala Só, Mudarra, Rei Velasques, Dona Sancha, Gonçalo, Rei Almançor, Mateus, Leopoldo, Valdevinos, Calejo, Rei Velasco, João de Alfredo, Diabo, António Branco, Lázaro Freixo, Dona Alambra ... São portanto eles os elementos temáticos fundamentais destes Autos.

A temática de cada um dos textos emerge também, neste vocabulário, a partir de outras formas que nos remetem para cada um deles¹⁵: “dinheiro” (*A pintura de S. Brás*); “capote” (*Um dia de Inverno*); “ermitão” (*A vida de Roberto do Diabo*); “ho” (*Verdadeira tragédia do Marquez de Mântua*); “nota”¹⁶ e “infantes” (*Os Sete Infantes de Lara*).

Se atentarmos numa divisão segundo as categorias da gramática tradicional, verificamos que também os verbos, mesmo considerando o que se encontram apenas no infinitivo, nos reenviam, tematicamente, para cada um dos textos: “pelejar” e “falar” (*Vida de Roberto do Diabo* e *Sete Infantes de Lara*); “falar”, “afogar” e “arranjar” (*Sete Infantes de Lara*); “pagar” (*A pintura de S. Brás*).

Também a toponímia marca presença no cabeçalho deste vocabulário, destacando-se os topónimos como Cércio, Miranda, Normandia, Castela, Borgonha,... uma pequena amostra que nos remete para o carácter simultaneamente local e universal, bem característico do TPM.

Finalmente, porque se pretende apenas deixar algumas notas breves sobre o vocabulário destes textos, vemos aparecer, destacados, os deícticos “agora”, “lá” e “cá”, reveladores da importância conferida à deixis temporal e espacial. “Agora” é, sem dúvida, a forma com mais peso estatístico neste vocabulário. Uma breve pesquisa pelos diferentes textos mostra-nos que esta forma tem uma distribuição idêntica nos diferentes textos. Vejamos alguns contextos de utilização:

¹⁵ Em muitos casos não se trata de “vocabulário particular” (exclusivo) de cada texto, mas apenas de vocábulos que, pela leitura e pelo conhecimento que temos de cada texto, nos permitem estabelecer uma relação directa com cada um.

¹⁶ Refere-se à palavra utilizada neste texto para introduzir as didascálias.

Agora já molhei a boca
Refresquei o paladar
Vou dar-vos um prévio anúncio
Do que vamos representar.
(A pintura de São Brás)

Agora vejo-me aqui
Nesta tão grande espessura
Que nem eu me vejo a mim
Nem sei da minha ventura.
(Verdadeira tragédia do Marquez de Mantua)

Agora vou a caçar
A distrair pensamentos
Que esta ribeira tem
Ocultos muitos portentos.
(Os sete infantes de Lara)

Agora vou-lhe falar
No jardim que é o seu passeio
Para que se não agonie
E que não tenha receio.
(Vida de Roberto do Diabo)

Do ponto de vista semântico-pragmático o valor desta partícula exigiria um estudo mais aprofundado, que tivesse em conta as suas utilizações concretas nos diferentes (con)textos. Contudo, de uma forma genérica e como atestam os exemplos citados, podemos dizer que o seu uso temporal, sobretudo quando colocado no início da frase, marca uma relação contrastiva entre dois intervalos de tempo ou duas acções. Assinala uma progressão discursiva marcada por contrastes e peripécias, mas convoca igualmente um discurso afectivo e de proximidade relativamente ao sujeito da enunciação. E este último aspecto parece-nos de particular importância para compreender as razões pelas quais estes textos têm merecido os favores e a adesão do público.

Paradoxalmente, esta partícula acaba por ter um valor relevante em textos em que o tempo ou, melhor dizendo, a sequencialidade temporal, parece não constituir nem uma preocupação nem o aspecto mais importante destas narrativas. Pelo contrário, ela denuncia um discurso marcado pelas dimensões do novo, do inesperado e do imediato, como estratégias em que se procura captar a atenção do auditório, “prometendo-lhe” que *agora* algo de diferente vai acontecer.

Também o peso estatístico das partículas “lá” e “cá” denuncia a importância, conferida, nestes textos, à localização espacial e afectiva.

MARIA-DOS-REIS
Eu não durmo nem descanso
Tudo em mim são lembranças
Pensando nas duas crianças
Que deixámos lá em casa.

Meu caro amigo Calejo
Se soubesses como me vejo
Toca-me por cá cada sopa
Nem no nosso tempo de tropa
Vejo-me cá em tais trabalhos
Ó Calejo estes cércios
São uns bandalhos.
(A pintura de S. Brás)

Anda cá infanta querida
Que a mim estás desejando
Saberei o que te passou
Neste momento e quando.
(Os sete Infantes de Lara)

GONÇALO
Vem cá filho dos meus olhos
Eu te quero conhecer
Fruto das minha estranhas
Que me entrega esta mulher.
(Os sete Infantes de Lara)

Agora ireis correndo
Os povos que eu vos mandar
E me trareis os meninos
Que tenho lá a criar.
(*Os sete Infantes de Lara*)

Juntar-te com teus manos
Que lá vai o Conde e tropas
Contra esses africanos.
(*Os sete Infantes de Lara*)

Por isso vai-te sobrinho

Se o “aqui” convocaria o espaço de proximidade onde se desenrola a acção representada no tablado, “cá” e “lá” remetem-nos para um jogo ambivalente. É uma estratégia especular que transporta o público numa viagem ao real e ao imaginário, num movimento contínuo de sedução entre o texto, o tablado e o jogo teatral.

4.2 Textos de cariz religioso

Os textos de cariz religioso constituem a esmagadora maioria do teatro recolhido por António Maria Mourinho¹⁷. Certamente que a sua condição de sacerdote terá contribuído para esta tendência nas suas recolhas. Indicam-se de seguida todos os títulos dos diferentes textos, com excepção do *Auto da Paixão* e do *Colóquio de Adão e Eva* pelas razões que já foram aduzidas.

T6. *A criação do mundo*

T7. *Verdadeiro Auto de Adão e Eva ou Estado Primitivo da Natureza*

T8. *Auto de Santa. Bárbara*

T9. *Auto de São Sebastião*

T10. *Auto do nascimento do Menino Sagrado*

T11. *A casa de Santa Isabel e os pastores de Lião*

T12. *Colóquio de Inveja, Vulcano, Belisa, ...*

T13. *Daniel no lago dos leões*

T14. *A vida de Santa Imperatriz Porcina*

T15. *Auto de José do Egipto*

T16. *O cervo da grande cidade de Deus*

T17. *Pastores de Judá*

T18. *Resumo da Sagrada Ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo*

T19. *Auto de Santo Aleixo*

No quadro seguinte podemos agora conferir o resumo de todas as ocorrências lexicais bem como a sua distribuição pelos diferentes textos. Nesta matéria, e quanto à

¹⁷ Refira-se que esta parece não ser a tendência do TPM porquanto no “inventário dos cascos” proposto por Valdemar Gonçalves constam apenas 15 “textos religiosos” e 26 “textos profanos”. Na recolha e edição do GEFAC podemos igualmente encontrar 22 “textos de cariz profano” e apenas 13 de “cariz religioso”.

massa lexical, podemos igualmente destacar dois grupos. O primeiro, de maior extensão, constituído por T6, T10, T14, T15, T1, T18 e o segundo, menor, pelos restantes textos.

	Total	T6	T7	T8	T9	T10	T11	T12
Ocorrências	120181	16787	3976	5110	6235	11003	3155	2543
Formas diferentes	19639	3417	1236	1531	1801	2519	822	857

T13	T14	T15	T16	T17	T18	T19
3111	13675	15682	15892	937	14835	7240
1038	2525	3488	3431	405	3185	1662

Vejam agora, tal como o fizemos para os “textos de cariz profano”, algumas indicações e tendências temáticas reveladas pelo início da lista do vocabulário preferencial, que se apresenta de seguida:

José (12,259); Rodrigo (10,148); rei (9,474); que (8,654); irmão (8,432); bispo (7,407); infanta (7,400); Deus (7,397); vós (7,357); Faraó (6,776); vos (6,568); santa (6,535); Lucas (6,390); Silvestre (6,279); Aleixo (6,189); Adão (6,012); Jacob (6,012); Albano (5,808); *pagem* (5,757); Vulcano (5,705); oh (5,705); Daniel (5,534); Sebastião (5,480); Cristo (5,402); pastores (5,401); Beliza (5,385); Gracioso (5,372); Bárbara (5,330); Fernando (5,324); pae (5,260); vossos (5,170); justo (5,147); Narciso (5,147); este (5,133); Porcina (4,986); em (4,971); alegria (4,900); imperatriz (4,891); Cleufaz (4,804); Rubem (4,804); Anaz (4,742); Natão (4,742); esta (4,670); deuses (4,616); Benjamim (4,551); Dióscoro (4,551); Isabel (4,542); Maria (4,507); Luduvico (4,486); alcaide (4,352); tão (4,350); conde (4,339); tu (4,334); Caifaz (4,283); Lúifer (4,283); Sofia (4,283); Centúrio (4,214); Eufemiano (4,214); romeiro (4,214); Sabina (4,214); Eva (4,212); Nicodemos (4,201); alma (4,152); Egito (4,143); sae (4,143); sonho (4,142); sol (4,085); soberba (4,071); mi (4,059); estado (4,056); mundo (3,999); elle (3,997); amante (3,986); só (3,983); mar (3,927); Asenete (3,923); Silvino (3,923); virtude (3,912); clemência (3,912); penas (3,907); teus (3,853); cantam (3,852); copeiro (3,847); Lodónio (3,847); pontífices (3,847); roque (3,847); cantando (3,837); pão (3,835); inveja (3,826); porém (3,821); cidade (3,819); deste (3,795); voz (3,782); Cromácio (3,769); esmola (3,769); pousada (3,769); Semeão (3,769); divina (3,754); ai (3,728); Abel (3,699); sepulcro (3,689); Simão (3,689); céus (3,650); pecado (3,642); ah (3,633); agar (3,608); ajoelham (3,608); decreto (3,608); Dina (3,608); singular (3,608); esposa (3,596); donde (3,581); sendo (3,572); cego (3,557); redentor (3,543); Guilan (3,525); molher (3,525); Sicília (3,525); prazer (3,496); piedade (3,467); dita (3,458); serpente (3,458); quereis (3,449); Marciano (3,440); vae (3,440); acabando (3,433); chamas (3,433); senhora (3,409); glória (3,383); altíssimo (3,353); *cantão* (3,353); carcereiro (3,353); felicidade (3,353); flores (3,353); vosso (3,349); defuntos (3,346); divino (3,346); Lusbel (3,316); viva (3,316); irmãos (3,314); graça (3,310); Cerdenha (3,264); cortina (3,264); ditosa (3,264); intento (3,264); obrar (3,264); S. Pedro (3,264); consorte (3,258); vestido (3,258); tocam (3,258); tristes (3,254); Caim (3,254); gado (3,236); ...

Tal como no grupo anterior são as personagens e protagonistas que ocupam os lugares preferenciais no início deste léxico: José, Rodrigo, bispo, infanta, Deus, Faraó, Lucas, Silvestre, Aleixo, Adão, Jacob, Albano, Vulcano, Daniel, Sebastião, Cristo, Beliza, Gracioso, Bárbara, Fernando, Narciso, Porcina, imperatriz, Cleufaz, Rubem ...

Logo de seguida, também com um peso estatístico elevado, encontramos a forma “que”. Independentemente do valor gramatical ou semântico-pragmático que só um estudo mais minucioso poderia revelar, esta partícula assume um valor especial de união e de aproximação. Neste sentido, parece-nos que ela é particularmente denunciadora dos dois mundos, o imanente e o transcendente, que desfilam, lado a lado, nestes textos. Deus e Faraó, Cristo e os pastores convivendo com o Gracioso, os céus e a terra unidos numa cosmovisão onde as fronteiras entre o real o imaginário se esbatem ou são mesmo inexistentes.

As partículas “vós” e “vos”, forma tónica e átona do pronome pessoal, que encontramos, bem destacadas, no cabeçalho deste vocabulário, indiciam o tom majestoso e grandiloquente que perpassa por estes autos.

Mas os dois mundos, de que falávamos, estão igualmente presentes no início deste vocabulário através de um conjunto de formas, tematicamente reveladoras da dicotomia existente e estruturante na arquitectura discursiva destes autos: Deus / Lusbel; serpente, pecado / graça; inveja / virtude; penas, tristes / alegria, felicidade; céus / mundo; soberba / piedade, ...

Os lugares, distantes, míticos ou mitificados, amplificam a capacidade de abertura e de evasão para outra realidade onde a liberdade e sobretudo a justiça reinam como objectivo último do homem: Egito, cidade, Sicília, Cerdenha ...

4.3 Outros textos

Nestes “outros textos”, como já foi anunciado, encontram-se reunidos textos de índole bem diferente. Desde a Profecia para *A castro*, composta por António Maria Mourinho, passando por textos de cariz para-teatral como as *Loas cantadas no Natal*, a *Bíblia Sagrada em Quadras Simples*, até outros textos, também concebidos para serem representados mas não nos tradicionais tablados como os *Reis falados* ou as *Trovas de Carnaval*. Para além disso, como já referimos e explicámos, também colocamos nestes “outros textos” as versões digitalizadas do *Auto de Rodrigo e Mendo*, a *Cena policiana* e o *Auto da Paixão de Nosso Jesus Cristo*. Vejamos os títulos de todos os textos:

T20. *A embaixada*

T21. *Bíblia Sagrada em Quadras Simples*

T22. *Loas cantadas no Natal*

T23. *Profecia para “A Castro”*

T24. *Reis falados*

T25. *Trovas de Carnaval*

T26. *Auto de Rodrigo e Mendo*

T27. *Cena policiana*

T28. *Auto da muito dolorosa Paixão de Nosso Jesus Cristo*

T29. *Colóquio de Adão e Eva*

Vejamos também o quadro com o vocabulário destes textos:

	Total	T20	T21	T22	T23	T24	T25
Ocorrências		817	3533	487	682	3162	4536
Formas diferentes		392	1295	278	379	1016	1497

Como se pode constatar, a “massa lexical” (número de ocorrências) de alguns textos (T20, T22 e T23) é bastante pequena, mas é considerável nos restantes. Contudo, para a análise estatística, após a conversão dos dados numéricos em dados algébricos, cujo valor é dado pelo “desvio reduzido”, a extensão dos textos deixa de ter importância uma vez que todos os valores são calculados em relação a um “centro de gravidade”, “o centro de inércia ou de equilíbrio onde a média é reduzida a zero”¹⁸. Assim se explica e se compreende que, no cabeçalho deste vocabulário, figurem os “protagonistas” dos textos mais extensos (“Entrudo”, “Quaresma”, “burra” – *Trovas de Carnaval*; “Herodes” – *Reis falados*) mas também dos textos mais pequenos (“Inês”; “D. Pedro” – *Profecia para A castro*). Vejamos agora, na lista seguinte, o início desta lista com o vocabulário preferencial destes textos.

¹⁸ Ver André Camlong, *Op. cit.*, p. 44.

Entrudo (18,68); Quaresma (18,67); burra (17,98); Herodes (16,40); Inês (16,00); forma (15,48); condestável (14,85); carne (14,21); mirandesa (14,18); égua (12,79); mirandês (12,17); foi (11,65); comadre (11,01); era (10,93); Manuel (10,80); português (9,71); Rafael (9,71); judeus (9,38); houve (9,38); burros (9,30); Messias (9,26); Pedro (9,21); João (9,03); D. Pedro (8,99); rosário (8,99); Samuel (8,99); tia (8,99); Zé (8,99); gato (8,99); salvador (8,66); menino (8,35); moreiras (8,21); pastoras (8,21); raposo (8,21); veio (8,19); Jesus (8,17); cair (8,14); animal (7,87); Israel (7,83); burro (7,77); profeta (7,77); teve (7,74); funeral (7,59); Luiz (7,59); dono (7,41); anunciador (7,38); ciganos (7,38); levem (7,38); Belarmino (7,34); carriço (7,34); compadre (7,34); evangelho (7,34); feiras (7,34); Gracinda (7,34); kilos (7,34); Milto (7,34); pregou (7,34); significando (7,34); testamento (7,34); dirá (7,32); morreu (7,31); Belém (7,10); Judá (7,02); história (7,02); da (6,76); manta (6,73); sairá (6,67); real (6,65); do (6,65); então (6,60); findou (6,53); vaia (6,44); burricada (6,44); talhada (6,44); abandonou (6,36); açougue (6,36); Adrião (6,36); assistiu (6,36); canhonas (6,36); Celestino (6,36); daremos-lhe (6,36); desgraças (6,36); disseram (6,36); Feliciano (6,36); fez-se (6,36); hebreus (6,36); Jonas (6,36); marciana (6,36); Nadave (6,36); pêra (6,36); rações (6,36); romarias (6,36); tradicional (6,36); val (6,36); Egipto (6,36); linda (6,29); povo (6,27); anunciar (6,23); vila (6,20); feira (6,20); tinha (6,08); andava (6,07); nasceu (6,00); Tomé (5,77); antigos (5,77); luz (5,72); adorar (5,71); estrela (5,60); doze (5,57); ...

À semelhança dos “grupos” anteriores também neste se destacam, tematicamente, os protagonistas – o Entrudo, a Quaresma, a burra, Herodes, Inês, o condestável, a comadre, Manuel, Rafael, ... – mas também os vocábulos que nos remetem para a estrutura discursiva de cada texto. Mas essa pesquisa e essa análise necessitaria de um estudo mais minucioso que fizesse agora o percurso inverso, ou seja, do léxico aos textos, sempre guiados pela estatística.

5. Critérios editoriais

Como já referimos, estes textos recolhidos por António Maria Mourinho encontram-se em estados bem diferentes pelo que a sua edição coloca alguns problemas e desafios que gostaríamos brevemente de expor. Refira-se, por outro lado, que os critérios de edição, em CD, seguem as publicações disponibilizadas on-line no sítio web do Centro de Estudos. Contudo, para facilitar a leitura e a consulta destes textos, neste suporte informático, reproduzimos aqui esses “critérios editoriais”.

5.1 Edição digitalizada

Os modernos meios informáticos permitem-nos hoje o tratamento dos textos, colocando à disposição do leitor a página tal qual ela se apresenta no original, sem a dificuldade de ter de passar pelo estudo de um primeiro leitor. Podemos assim apresentar, fielmente, todas as características gráficas do texto renunciando, obviamente, a qualquer esforço reconstrutivo ou interpretativo.

Esta edição destina-se sobretudo a linguistas, que encontrarão, dependendo de cada texto, abundantes exemplos de mirandesismos, de formas gráficas antigas, populares, regionais. Ou seja, testemunhos autênticos que nos poderão ajudar a traçar os caminhos e as andanças destes textos, desde a sua origem até à actualidade.

A existência, no Arquivo de António Mourinho, de diferentes exemplares de cada texto obriga-nos à selecção do exemplar a digitalizar. Na maioria dos casos, contudo, os diferentes exemplares são cópias uns dos outros, obtidos quer através de fotocópia quer através de papel químico. Por isso, disponibilizaremos o texto que terá servido de base às outras cópias, indicando também a existência destas outras versões.

5.2 Edição interpretativa

A edição interpretativa tem como finalidade principal facultar aos investigadores, mas também a um público mais vasto, algumas linhas de leitura que, de outra forma, seria muito mais difícil de descobrir. Referimo-nos, por exemplo, aos mirandesismos e às muitas referências culturais, etnográficas ou históricas à Terra de Miranda, de mais difícil percepção para quem não fale mirandês ou não conheça a história da região.

Por outro lado, no Arquivo de António Maria Mourinho encontram-se, em manuscritos ou outros documentos, algumas anotações deste investigador pois, como dissemos, ele próprio preparava a edição destes textos. Estas notas serão também acrescentadas, em nota de rodapé, assinaladas com as iniciais do autor (A.M.M.).

As normas adoptadas para a edição interpretativa dos textos são as seguintes.

1. Quanto à grafia, respeitaremos o mais possível o texto original, sempre que tal não interfira com a compreensão. As formas gráficas diferentes da ortografia moderna encontram-se assinaladas em itálico.
 - 1.1 Nas didascálias, que já se encontram em itálico, estas formas serão colocadas entre parênteses.
2. Na pontuação, acrescentaremos apenas alguns sinais sempre que a sua ausência dificulte a compreensão do texto.
3. Na sintaxe, respeitaremos sempre a ordem apresentada. Em casos em que tal possa denunciar construções mais próximas da língua mirandesa tal será indicado em nota de rodapé.
4. Colocaremos igualmente em itálico as expressões em que se verifique alguma incoerência sintáctica. Exemplo: “*Os templos é o seu recreio*” (*Roberto do Diabo*).

5. Corrigiremos a utilização de maiúsculas ou minúsculas quando estas foram, claramente, mal colocadas: nomes próprios: (*caifaz* > *Caifaz*); entidades religiosas ou mitológicas (*deus* > *Deus*; *maria* > *Maria*); nomes astronómicos (*sol* > *Sol*; *terra* > *Terra*), etc.
6. Faremos a tradução para português de todas as formas e expressões mirandesas (em alguns casos, e de forma a proporcionar uma perspectiva contrastiva, daremos igualmente o equivalente em castelhano). Estas traduções serão colocadas nas notas de rodapé.
7. Verificando-se a existência de diferentes versões, quer no Arquivo de António Maria Mourinho, quer em outras edições impressas, poderemos fornecer, em rodapé, informações sobre os restantes textos.
8. Em alguns textos poderemos adicionar, por razões de compreensão, algumas palavras ou mesmo versos. Estes aditamentos serão colocados entre parênteses rectos.

NOTA: Cada texto em particular poderá vir a “exigir” critérios específicos de edição que serão indicados no início.

6. Vocabulário

Apresentaremos agora, por ordem alfabética, todo o léxico destes textos recolhidos por António Maria Mourinho. A fim de facilitar a consulta, este vocabulário será apresentado em três ficheiros diferentes que seguirão a mesma divisão deste estudo introdutório, ou seja, “textos profanos”, “textos religiosos” e “outros textos”. A ordem, de T1 a T29 será, também a mesma seguida nesta introdução.